

7 de maio de 1958

Seminário da quarta-feira de 7 de maio de 1958

Vamos partir da atualidade que aqueles de vocês que assistiram ontem à noite, à comunicação científica da Sociedade, puderam apreciar. Falaram da relação heterossexual. Justamente, é daquilo que tentamos também falar.

A relação heterossexual se verificava nesta perspectiva como essencialmente formadora. Era, em suma, um dado primeiro da tensão evolutiva entre os pais e a criança.

A coisa que aparece em outra perspectiva onde, justamente, se situa nosso ponto de partida, e sem dúvida alguma, conforme a uma experiência primeira, é que, justamente, é isso que está em questão: é a relação heterossexual entre os seres humanos alguma coisa simples?

Na verdade, se nos atemos à experiência - se fosse simples, me parece que estaria feita pelo menos para constituir no interior do mundo humano uma série de ilhotas de harmonia, pelo menos para aqueles que tivessem conseguido eliminar os empecilhos - não parece que possamos considerar unanimemente por parte dos analistas (e afinal será necessário invocar os analistas a respeito?) que, mesmo alcançado seu cumprimento, a relação heterossexual para o homem se apresenta como algo posto que, justamente, todo seu problema, no mínimo - tomemos por exemplo os escritos de *Balint*, bastante centrados nisto, posto que é no próprio título do livro sobre o *Genital Love* que gira em torno disto - atesta-se a existência de uma *Spaltung* totalmente terminal, a justaposição da corrente de desejo e da corrente de ternura. É em torno desta justaposição que se compõe todo este problema da relação heterossexual.

Isso não tira o interesse do que foi dito ontem à noite, muito pelo contrário, nem que fosse pelos termos de referência que foram usados. Por exemplo, esta condição estética, esta valorização consciente e estética, repetindo os termos da conferencista, constitui uma etapa fundamental em sua perspectiva, na relação do Édipo.

Seu sexo, seu símbolo se apresenta, disse a Sra. Dolto, como uma bela e boa forma. O sexo é belo, acrescentou. Trata-se aí, evidentemente, de uma perspectiva da boca de onde emana, e seguramente lisonjeadora para os portadores deste sexo macho. Para que não pareça ser um dado que possamos adotar de maneira unívoca, quero dizer que nos referimos às restrições de uma das pessoas que interveio com autoridade sobre este assunto, fazendo o que podemos chamar de observações etnológicas. Porém se nos referirmos aos selvagens, aos bons selvagens que sempre foram um termo de referência aos antropólogos, na verdade não parece que seja uma verdade primeira, supondo que o selvagem seja o primeiro desta bela e boa forma do falo. Para dizer tudo, o conjunto dos documentos - nem falo dos documentos eruditos, destas coisas, que se elaboram depois nos gabinetes do etnógrafo, mas sim da experiência que pode ser encontrada naqueles etnógrafos que estiveram no campo, que estiveram no meio dos ditos selvagens, bons ou maus - parece que seja precisamente uma base, um princípio das relações entre os sexos, nem que fosse nas tribos mais atrasadas, que pelo menos isto que é a ereção do falo, seja escondida. A existência, mesmo nas tribos que têm somente o modo de vestimentas mais primitivo, é algo que consiste precisamente em esconder o falo. O estojo peniano, por exemplo, sendo o resíduo da vestimenta que sobrou, é algo muito surpreendente.

E por outro lado, etnógrafos bastante numerosos testemunharam, como de uma reação verdadeiramente inicial, a espécie de irritação que as pessoas do sexo feminino sentem na

7 de maio de 1958

presença das manifestações propriamente de ereção do falo. Por exemplo, no caso muito raro onde não há roupa alguma - nos Nambikóira que, vocês sabem, nosso amigo *Lévi-Strauss* visitou várias vezes e de quem falou longamente. *Lévi-Strauss* me testemunhou, sobre a pergunta que eu lhe fizera a este respeito - por sinal, ele próprio disse no livro que publicou - que nunca observou na frente, perante o grupo, ereção no macho. As relações sexuais ocorrem sem ser especialmente escondidas, a dois passos do grupo, à noite perto da fogueira, mas a ereção, seja de dia, seja à noite, naquele momento, não se vê em público, não há.

Isto não é totalmente indiferente a nosso assunto.

Por outro lado, é preciso situar como tal a bela e boa forma. A significação do falo é uma perspectiva bastante unilateral, nós o veremos. Por outro lado, sei bem que há a bela e boa forma da mulher. Certamente, ela está valorizada por todos os elementos da civilização, mas, afinal, não se pode dizer, nem que seja por causa de sua diversidade individual que possamos falar de uma bela e boa forma de maneira unívoca. Digamos que esta bela e boa forma deixa em todo caso mais imprecisão. Sem dúvida, atrás de cada mulher se perfila a *Vênus de Milo* ou a *Afrodite de Cnide*, mas nem sempre com resultados favoráveis. Criticaram muito *Daumier*, por ele ter dado aos deuses e às deusas da Antiguidade grega as formas dos burgueses e burguesas de sua época. Criticaram-no como a um sacrilégio. É precisamente aqui que se situa o problema que indico: é que se, evidentemente, é lastimável que os humanos humanizem os deuses, é provavelmente porque não se divinizam tão facilmente assim.

Em resumo, é evidente que, se as necessidades da perpetuação da raça estão entregues ao sujeito da bela e boa forma, o conjunto indica que nos contentamos com exigências médias, e que o termo de bela e boa forma talvez não esteja destinado a satisfazer. Em todo caso permanece bastante enigmático.

De fato, tudo quanto foi dito de oportuno, notável, para valorizar a bela e boa forma do falo, é justamente o que está em causa. O que evidentemente não elimina seu caráter de forma antecipada, de forma prevalente. Mas o discurso que fazemos aqui, na medida em que está fundamentado, que prolonga diretamente, não só o discurso freudiano, mas também a experiência freudiana, é feito para nos dar outra idéia desta significação do falo.

O falo não é uma forma, uma forma objetual, na medida em que permanece a forma cativante, a forma fascinante, pelo menos num sentido, pois o problema permanece inteiro no outro. A atração entre os sexos é coisa infinitamente mais complexa, como o indica, revela toda a economia da doutrina analítica, e aquilo em que nos engajamos é para dar solução a isso, segundo esta fórmula que naturalmente não é outra coisa senão uma fórmula que deve ser desenvolvida para ser entendida: é que o falo não é um fantasma, nem uma imagem, nem um objeto, seja ele parcial, seja ele interno. É que ele é um significante, e o fato de ele ser um significante é a única coisa que nos possibilita articular, conceber as diversas funções que toma nos diversos níveis do encontro inter-sexual.

Um significante. Não basta dizer que é um significante. Qual? É um significante, é o significante do desejo, e isto evidentemente repousa sobre uma pergunta que vai mais longe: O significante do desejo, o que isso quer dizer? É certo que o alcance desta afirmação, que ele é o significante do desejo, implica que saibamos, que articulemos primeiro, o que em sua fórmula, é o desejo.

7 de maio de 1958

O desejo justamente não é algo evidente na função que ocupa em nossa experiência. Não é simplesmente o apetite inter-sexual, a atração inter-sexual, o instinto sexual. É obvio que isso não elimina também a existência de tendências mais ou menos acentuadas, variáveis, dependendo dos indivíduos, que têm este caráter primário de se manifestarem com algo que é, digamos grosso modo, o mais ou menos de potência de cada indivíduo, no tocante à união sexual. Mas isto é uma coisa que não resolve em nada o problema da constituição do desejo tal como o vemos em tal ou tal indivíduo, seja ele neurótico ou não. A constituição de seu desejo é outra coisa, diferente da que ele tem, se quiserem, como bagagem de potência sexual.

É por isso que vamos, para recomeçarmos, após esta confusão que talvez tenham provocado as perspectivas de ontem, vamos retomar o texto de Freud.

Devo dizer que não é de hoje que faço esta observação, mas a comunico hoje a vocês: Estamos maravilhados pela existência deste texto da *Traumdeutung*. Estamos maravilhados como por uma espécie de milagre, porque não é exagerado dizer que pode ser lido como o que é um pensamento em marcha. Mas é muito mais ainda: as coisas são trazidas em tempos que correspondem a uma composição em vários planos sobredeterminados. É exatamente aqui que a palavra se aplicaria, o que faz com que, ao tomá-la simplesmente, como lhes disse que eu o fazia na última vez, isto é, os primeiros sonhos, o alcance daquilo que vem primeiro ultrapassa muito as razões que são para pô-las em primeiro lugar nos títulos. É a propósito das recordações da véspera, na medida em que entram em consideração num determinismo dos sonhos, que alguns dos primeiros sonhos, o que cometei na última vez, por exemplo, a saber, o sonho da bela açougueira, como eu a denominei, se apresentam aí.

Têm visto que, para abordar a questão do desejo e da demanda - não os coloquei no sonho, eles já estão nele, Freud não os coloca nele, ele os leu nele, ele viu que o doente precisa se criar um desejo insatisfeito, Freud é quem o diz, e já por si só, com tudo quanto sabemos desde então, e obviamente quando o escreveu Freud não estava aí com um candeeiro, dando o nome. Ele já havia tomado uma certa perspectiva sobre as coisas. Se ele colocou as coisas nesta ordem, é porque estava motivado por uma necessidade de abordagem e de composição que pode ir muito além da divisão de seus capítulos, e, de fato, este sonho tem algo verdadeiramente, especialmente introdutivo sobre este problema fundamental da perspectiva que tento aqui promover para vocês, o desejo, pois; e, lá, a demanda.

Quase que não se precisa dizer que ela está em todo lugar também, porque se o sonho ocorreu, é porque uma amiga lhe pediu para vir jantar em sua casa. Por sinal, no próprio sonho, o pedido está presente de forma mais clara. A doente sabe que tudo está fechado naquele dia, que não poderá suprir sua insuficiência de material, de mantimentos para enfrentar o jantar que deve oferecer, e ela pede da maneira mais clara, mais isolada pela qual um pedido possa ser feito, ela pede por telefone - isso faz parte da primeira edição da *Traumdeutung* - o que na época não era de uso muito difundido, ele está verdadeiramente aí com toda sua potência simbólica.

Vamos um pouco mais longe. Quais são os primeiros sonhos que vamos encontrar?

Entramos, pois, nos elementos e nas fontes do sonho, e encontramos primeiro o sonho da monografia botânica, que é um sonho de Freud. Vou deixá-lo de lado, mas não é porque não traz exatamente o que podemos esperar agora, a saber, o que vou tentar mostrar hoje, justamente, funcionar as relações do significante fálico com o desejo, mas, posto que é um

7 de maio de 1958

sonho de Freud, naturalmente seria um pouco mais demorado e complicado mostrá-lo. Eu o farei se tiver tempo. É absolutamente claro, estruturado exatamente conforme o pequeno esquema que dei na última vez, que comecei a desenhar a propósito do desejo da histérica. Mas Freud não é pura e simplesmente um histérico. Se ele tem, com a histeria, a relação que toda e qualquer relação com o desejo comporta, é de maneira um pouco mais elaborada.

Pulamos, pois, o sonho da monografia botânica e chegamos ao sonho de uma paciente da qual Freud nos diz que é uma histérica, e retomamos o desejo da histérica.

Uma jovem senhora, inteligente e fina, pacata, do tipo água morna conta:

Sonhei que chegava tarde demais à feira, que não encontrava mais nada no açougue e na venda de verduras. Certamente, é um sonho inocente, mas um sonho não se apresenta desta maneira. Peço uma narração detalhada. Ei-la aqui: Ela ia à feira com sua cozinheira que carregava a cesta. O açougueiro lhe diz, quando ela pede algo, que acabou. Ele quis dar outra coisa, dizendo é bom, mas ela recusou. Ela foi à venda de verduras. A dona quis lhe vender legumes de uma espécie singular, atados em pequenos molhos e de cor preta. Ela disse: Não conheço, não levo

O comentário de Freud aqui é essencial, posto que não somos nós que analisamos esta doente; aquilo de que se trata é ver o que Freud, numa obra que, na época era como se o primeiro livro sobre a teoria atômica tivesse sido publicado, sem espécie alguma de ligação com a física, nem de preparação que o teria precedido, crê poder. Por sinal, ela foi efetivamente recebida com um silêncio quase total. É pois, nas primeiras páginas de seu livro que, para falar da presença do recente e do indiferente sonho, Freud faz para seus leitores o comentário seguinte:

(Ele tenta relacionar este sonho aos acontecimentos do dia):

Ela tinha realmente ido à feira tarde demais, o açougue já estava fechado, ela não tinha encontrado mais nada.

Mas ele não diz que a doente já o tinha dito, ele se adiantou bastante rapidamente ao dizer que isso se impõe assim. Porém, alto!

Não é isso uma maneira absolutamente comum de falar, que se relaciona com uma negligência na maneira de um homem se vestir.

Em outras palavras, parece que na linguagem vienense, falar-se-ia assim de alguém que tivesse esquecido de fechar sua calça, e que seria usual, pelo menos em termos familiares, lhe dizer com uma frase: *O açougue não está fechado*. A sonhadora, por sinal, não usou estas palavras, diz Freud, que acrescenta:

Talvez tenha ela evitado usá-las. Dito isto, procuremos mais adiante. Quando, num sonho, algo tem o caráter de um discurso, é dito ou ouvido em vez de ser pensado, geralmente é fácil distingui-lo

Trata-se, pois, das palavras, na medida em que estão inscritas no sonho como numa faixa. Não são implicações da situação. Trata-se daquilo que distingue facilmente o elemento de linguagem que Freud nos convida a tomar sempre, considerar, como um elemento valendo por si mesmo.

Isto provém do discurso da vida de vigília. Sem dúvida, estes estão tratados como matéria bruta, estão fragmentados, estão transformados um pouco, sobretudo estão separados do conjunto ao qual

7 de maio de 1958

pertenciam O trabalho de interpretação não pode partir desta espécie de discurso. De onde, pois vêm as palavras do açougueiro? Não se pode mais ter disso?

Das ist nicht mehr zu haben.

Esta frase é tomada por Freud, no momento em que escreve *O homem dos lobos*, como um testemunho que dá ao leitor, que desde há muito ele se interessa por este problema da dificuldade que há para reconstruir o que é pré-amnésico na vida do sujeito, o que é de antes da amnésia infantil. É justamente a este propósito que ele disse à paciente:

Eu os pronunciei, eu mesmo, alguns dias antes, explicando-lhe que não podíamos ter senão os mais antigos vívidos da infância que não são mais abordados como tais, que os tínhamos, mas que nos eram devolvidos pela transferência e os sonhos na análise. Logo, eu sou o açougueiro e ela recusa esta transferência de antiga maneira de pensar e de sentir de onde vêm as palavras que ela pronuncia no sonho. Não conheço, não leva.

O que em francês é traduzido acrescentando isso:

O analista deve dividir esta frase onde, alguns dias antes, durante uma discussão, ela disse à sua cozinheira não sei o que é e acrescentou: Seja correta, por favor!

Behmen Sie ausständig

Não importa o que ela disse à cozinheira, posto que é à título de elemento de frase, que isso está tomado e, como Freud diz, é precisamente na medida *das kenne ich nicht, das nehme ich nicht* em que o que está lembrado desta frase é precisamente a parte que não tem a significação, aquela que a censura tende a afastar, o que também é dito à criada. Freud nota que é na medida em que isso é lembrado, no que é sonhado, que o sentido corresponde a:

*das kenne ich nicht
das nehme ich nicht.*

Poder-se-ia acrescentar algo mais, sendo mais rigoroso, como:

das kenne ich nicht behmen zu ausständig

Notemos o deslocamento das duas frases ditas à cozinheira. Aquela que recalcou corresponde ao resto do sonho. Dir-se-á *seja correta, por favor* a alguém que esteja, de propósito, mal vestido, desarrumado.

O que também não é uma tradução muito correta, pois no texto alemão, há: *Dir-se-á a alguém que use ter exigências inconvenientes e que esqueça de fechar seu açougue*. A tradução é fantasiosa.

A exatidão de nossa interpretação é comprovada pela concordância com as alusões que estão no fundo do incidente com a vendedora de verduras. Um legume alongado que se vende em molho, um legume preto. Pode isto ser outra coisa que não a confusão, produzida pelo sonho, do aspargo e da raiz forte preta? Não preciso interpretar o aspargo para ninguém, mas a raiz forte preta me parece ser também uma alusão.

A palavra alusão não está no texto alemão. Ela concerne, diz o texto alemão, a um termo sexual.

7 de maio de 1958

O mesmo termo sexual, isso adivinhamos desde o início, quando queríamos simbolizar toda a história pela frase *o açougue está fechado*. Não precisamos aqui descobrir todo o sentido deste sonho, basta ter demonstrado que ele está cheio de significações, de maneira alguma inocentes.

Peço desculpas se isto pareceu um pouco longo, demorado. Queria simplesmente reconcentrar as coisas sobre este pequeno sonho, agora que sabemos muito, que temos tendência a ler um pouco rapidamente.

Eis, representado, ilustrado da maneira mais clara, a relação do histérico, uma outra relação com algo que é este *sobre-eu* [*surmoi*]. Por enquanto estamos centrando nosso alvo. Na última vez, indiquei que o histérico, em seus sonhos e em seus sintomas, precisa que o lugar do desejo como tal esteja marcado em algum lugar. Aqui, é de outra coisa que se trata, é do lugar do significante falo.

Misturemos nosso discurso teórico com estas referências ao sonho concernente à histérica, de maneira a variar um pouco para vocês, e desfatigar suas mentes, sua atenção.

Há outros três sonhos da mesma doente em seguida, e deles faremos uso quando for conveniente. Detenhamo-nos por um instante sobre o que se trata para nós de pôr em evidência, por enquanto.

É o mesmo problema, o mesmo fenômeno de que se tratava outro dia, isto é, do lugar a ser dado ao desejo. Mas aí, não é um lugar marcado no campo exterior do sujeito, de um desejo como tal, na medida em que ele o nega para além da demanda, na medida em que no sonho, ela o assume como sendo o desejo do outro, de sua amiga. Trata-se do desejo na medida em que é suportado por seu significante, o significante falo, por hipótese, posto que é disso que estamos falando.

Trata-se de saber que função o significante tem nesta ocasião.

Como vêem, Freud introduz aí, sem hesitação alguma, sem espécie alguma de ambigüidade, o significante falo, o que está em causa quando se trata do único elemento que ele não tinha posto em destaque em sua análise, porque era preciso que deixasse alguma coisa para nós fazermos, mas que é absolutamente surpreendente. E, efetivamente, toda a ambigüidade do comportamento do sujeito em relação ao falo, se o falo não for o objeto do desejo, mas o significante do desejo, toda esta ambigüidade vai estar nesse dilema. Isto é, o sujeito pode ter este significante ou pode sê-lo. É porque é um significante, que este dilema se propõe, e este dilema é absolutamente essencial, é ele que está no fundo de todos os deslizamentos, de toda a transmutação, de toda a prestidigitação eu diria, do complexo de castração.

Por que o falo vem neste sonho? Não creio que estejamos transpondo o que quer que seja de abusivo a partir desta perspectiva, se dissermos que este sonho está atualizado, que o falo está atualizado como tal sonho desta histérica, em torno da frase de Freud:

Das ist nicht mehr zu haben

Eu me fiz confirmar o uso de *ter*; eu diria, absoluto, tal como se manifesta neste uso lingüístico, que nos faz dizer *o ter* ou não, ou melhor, *ter isso* ou não em francês, que tem também seu alcance em alemão. Trata-se aqui, nesta frase, do falo na qualidade de objeto que falta, que falta a quem? Evidentemente é o que é preciso saber, mas nada é menos certo que seja pura e simplesmente o objeto que falta ao sujeito na qualidade de sujeito

7 de maio de 1958

biológico. Digamos que primeiro e antes de mais nada, isto se apresenta em termos significantes, e na medida que é uma frase que o introduz, uma frase articulada como algo ligado à frase que articula *das ist nicht mehr zu haben*, que isto é o que não se pode mais ter. Não é uma experiência frustrante, é uma significação, é uma articulação significativa da falta de objeto como tal.

Isto evidentemente combina com a noção que coloco aqui no primeiro plano; é que o falo é o significativo na medida em que não o tem. Quem? Na medida em que o outro é quem não o tem, porque se trata de algo que se articula no plano da linguagem e se situa como tal sobre o plano do outro, no significativo do desejo na medida em que o desejo se articula como o desejo do outro.

Voltarei a isso daqui a pouco.

Agora vamos tomar o segundo sonho.

É um sonho pretensamente inocente. Seu marido pergunta:

Não é preciso fazer afinar o piano? Ela responde: Não vale a pena. Das lohnt nicht.

Isso quer dizer algo como *isso não compensa. Precisa primeiro fazê-lo forrar*. É a repetição de um acontecimento real precedente. Mas por quê? No sonho, ela diz efetivamente que o piano é uma caixa nojenta, que dá som ruim, que seu marido já o tinha antes de seu casamento, e, como a análise o mostrará, ela diz o contrário do que pensa, isto é, que seu marido não o tinha antes de seu casamento.

Mas a solução nos será dada pela frase 'não vale a pena'. Ela a pronunciou ontem, diz Freud, quando fazia um visita à casa de uma amiga. Pediu-lhe para tirar a jaqueta. Ela recusou, dizendo vou precisar ir embora. Lembro-me que ontem ela levou bruscamente a mão à jaqueta porque um botão acabava de se abrir. Era como se tivesse dito por favor não olhe deste lado. Assim, ela substituiu caixa por peito, e a interpretação do sonho nos traz de volta à época de sua formação. Ela começava então a ficar contente com suas formas. Se prestarmos atenção ao nojento, ao som ruim, lembraremos quantas vezes pequenos hemisférios do corpo feminino substituem os grandes. A análise nos traz novamente de volta à infância.

Aqui estamos na outra face da questão. Se o falo for o significativo do desejo, e do desejo do outro, o problema para o sujeito no primeiro passo desta dialética do desejo, eis aqui a outra vertente: Trata-se de ser ou não ser o falo.

Confiemos totalmente nesta função de significativo que damos ao falo, dizendo isto: da mesma forma que não se pode estar e ter estado, ser e ter sido, também não se pode ser e não ser, e se for preciso que o que não se é seja o que se é, é preciso não ser o que se é, isto é, o que se é, a afastá-lo, no parecer o que é muito exatamente o que é a posição da mulher na histeria. Na qualidade de mulher, ela se faz de máscara, ela se faz de máscara precisamente por trás desta máscara ser o falo. E todo o comportamento da histérica, este comportamento na medida em que se manifesta através desta mão que vai ao botão do qual desde há muito o olho de Freud nos habituou a ver o sentido, mas acompanhado da frase *não vale a pena*. Por que não vale a pena? Evidentemente porque é preciso que não se olhe para trás, porque atrás é preciso evidentemente que o falo esteja lá, atrás. Mas não vale a pena, verdadeiramente, ir ver, porque não se encontrará o falo, posto que ele não está lá. Trata-se para a histérica, como Freud o diz numa nota dirigida aos que chama de *dñe*

7 de maio de 1958

Wißbegierige, que é traduzido em francês, para *aqueles que querem aprofundar*, por *aqueles que desejam saber*.

Isso nos levará ao âmago daquilo que talvez eu lhes tenha já designado por este termo tomado de empréstimo a uma moral que, apesar de tudo, permanece marcada por uma experiência humana talvez mais rica que muitas outras, a moral teológica, que se chama a *Cupido Saëndi*, que nos dá o termo que podemos escolher para traduzir o desejo. São questões delicadas, equivalências entre as línguas. A propósito do desejo, sei que já obtive de meus alunos germanófonos Encontra-se esta palavra em Hegel, mas alguns acham que é animal demais. É estranho que Hegel a tenha usado a respeito do Senhor e do Escravo, que não está por demais marcado por animalidade.

Pai, diz Freud, *farei notar que este contém uma história conduzida e contínua, provocando por minha parte a defesa da dela*.

Em resumo, ele nos indica novamente o que efetivamente é uma conduta fundamental da histórica, mas cujo sentido ao mesmo tempo vemos no contexto. A provocação da histórica é justamente algo que tende a constituir o desejo, mas além do que se chama de defesa, a indicar o lugar além desta aparência, desta máscara de algo que é essencialmente o que é apresentado ao desejo, e que evidentemente não pode ser oferecido a seu acesso, posto que é algo que ser apresentado atrás de um véu, mas por outro lado, evidentemente, não podendo ser encontrado. Não vale a pena você abrir minha blusa, já que não encontrará o falo nela, mas se levo a mão à minha blusa, é para que atrás dela você designe o falo, isto é, o significante do desejo.

Talvez isso nos leve a nos perguntarmos como deveríamos definir com precisão este desejo, de maneira a fazer sentir de que falamos. Quero dizer, não nos limitarmos àquilo que alguém, num diálogo comigo, chamou, a meu ver com bastante felicidade, a respeito de minhas pequenas linhas que trago novamente de vez em quando, e que não devem perder de vista, chamou de um pequeno *móbil de Calder*. Por quê? Tentemos articular o que queremos dizer por desejo como tal. Nós colocamos o desejo nesta dialética como o que se encontra sobre o pequeno móbil, para além da demanda. Por que precisa de um além da demanda? Precisa porque, já o disse, a demanda, por suas necessidades articulatórias, desvia, altera, transpõe a necessidade. Há, pois, a possibilidade de um resíduo. É na medida em que o homem está preso na dialética significante, que há algo que não está certo, apesar do que pensam as pessoas otimistas que nos indicam o que ocorre de feliz como uma marcação do outro sexo, entre os filhos e os pais. Só falta uma coisa, é que isso vá tão bem entre os pais. E é justamente a este nível que abordamos a questão.

Há, pois, um resíduo. Como se apresenta ele? Como, necessariamente, deve se apresentar? Agora não se trata mais de desejo sexual. Vamos ver porque o desejo sexual deve vir a este lugar. Mas, posto que há no homem relação geral de uma necessidade com o significante, encontramos-nos diante da pergunta: será que algo restitui a margem de desvio marcada pela incidência do significante sobre as necessidades, e como se apresenta este para além, se ele se apresenta?

A experiência comprova que existe, e é isso que chamamos de desejo, mas, como forma possível de sua apresentação, eis, aproximadamente, como podemos articulá-lo: A maneira pela qual o desejo deve se apresentar no sujeito humano depende daquilo que está determinado pela dialética da demanda. Se a demanda tem um certo efeito sobre as necessidades, por outro lado, ela tem suas características próprias. Eu já as articulei aqui. É

7 de maio de 1958

que a demanda, fundamentalmente em sua existência, pelo único fato de que se articula como demanda, mesmo se não demanda expressamente isso, situa o outro como ausente ou presente, e dando ou não esta ausência ou esta presença, isto é, como demanda de amor, deste algo que não é nada, nenhuma satisfação especial que é o que o sujeito traz pela pura e simples resposta à demanda.

Aqui é que se situa a originalidade da introdução do simbólico sob a forma de demanda. É neste incondicionado da demanda, a saber, que era, que é demanda, que está sobre o pano de fundo da demanda de amor, que se situa a originalidade da introdução da demanda em relação à necessidade.

Se isso comporta alguma perda em relação à necessidade, sob qualquer forma que seja, deve isso se reencontrar além da demanda? É evidente que se isso deve se reencontrar além da demanda, isto é, daquilo que traz, em suma, de distorção à necessidade, esta dimensão da demanda. É na medida em que além, devemos reencontrar algo onde o outro perca sua prevalência, ou, se quiserem, a necessidade na medida em que parte do sujeito retoma o primeiro lugar.

No entanto, posto que a necessidade já passou pelo filtro da demanda no plano e no estágio do incondicionado, não é senão a título, se assim se pode dizer, de uma segunda negação que vamos reencontrar além o que se trata justamente de encontrar, que é a margem daquilo que se perdeu nesta demanda. E o além é precisamente o caráter de condição absoluta que está no desejo. O que se apresenta no desejo como tal é este algo tomado de empréstimo, evidentemente, à necessidade. Como faríamos nossos desejos, a não ser tirando a matéria prima de nossas necessidades? Mas isso passa a um estado, não de incondicionado, posto que se trata de algo tirado de uma necessidade particular, mas de uma condição absoluta, sem comparação com proporção alguma da necessidade com um objeto qualquer e na medida em que esta condição seja talvez chamada, justamente nisto que abole a dimensão do outro, que é uma exigência a que o outro não tem que responder sim ou não, não pode, não deve. Ou seja, que é a dimensão, o caráter fundamental do desejo humano como tal.

O desejo, qualquer que seja, no estado de puro desejo, é isto, é algo arrancado do terreno das necessidades, que toma forma de condição absoluta em relação ao outro. É precisamente a margem, o resultado da subtração, se assim se pode dizer, da exigência da necessidade em relação à demanda de amor, isto é, que o desejo, inversamente, vai se apresentar como aquilo que, na demanda de amor, é marco a toda e qualquer redução de uma necessidade, porque, na realidade, ela não satisfaz nada mais que si-mesmo, isto é, o desejo como condição absoluta.

É por isso que o desejo sexual vai vir a este lugar, justamente na medida em que o desejo sexual se apresenta em relação ao sujeito, em relação ao indivíduo, como essencialmente problemático, e em ambos os planos, no plano de necessidade - não foi Freud que o fez notar pela primeira vez, é desde que o mundo é mundo que se perguntam como o ser humano, que tem a propriedade de distinguir o que para ele é vantajoso, como admite uma necessidade que o incita, incontestavelmente a extremos aberrantes pela razão que não corresponde a nenhuma necessidade racionalizável imediatamente, mas que introduz no indivíduo, digamos, o que se chama a dialética da espécie.

Por sua natureza, a necessidade sexual se apresentará já numa certa problemática para um sujeito que seja precisamente o que acabamos de dizer, mesmo se os filósofos o tem

7 de maio de 1958

articulado diferentemente, isto é, alguém que possa racionalizar suas necessidades, isto é, articulá-las em termos de equivalência, isto é, de significante.

Por outro lado, em comparação com a demanda de amor, a expressão do desejo sexual vai se tornar desejo justamente, e vai se chamar desejo porque só ali pode se colocar, no nível do desejo tal como acabamos de defini-lo. Primeiro, que o desejo sexual se apresenta, em comparação com a demanda de amor, de maneira problemática, apesar do que se diz, e qualquer que seja a água benta com a qual tentam encobri-lo sob forma de oblatividade, a questão do desejo em comparação com a formulação do que se chama em todas as línguas *formular sua demanda*, é problemática na medida em que, para expressar as coisas sob a forma da linguagem mais comum, que é aqui revelador, trata-se, afinal de contas, qualquer que seja o modo sob o qual se formula a demanda, se apresenta assim: é que o outro entra em jogo a partir do momento em que o desejo sexual está em questão sob a forma do instrumento do desejo.

É a razão pela qual no nível do desejo tal como o definimos, se coloca o desejo sexual, na medida em que se trata de que ele não pode se articular verdadeiramente. Não há verdadeiramente palavra, ouçam-no de minha boca, posto que talvez isso não faça mal que eu diga que nem tudo é redutível à linguagem. Eu sempre o disse, evidentemente, mas se isso não tiver sido ouvido, não há palavras para expressar algo, algo que tenha um nome e que justamente é o desejo, e para exprimir este desejo, a sabedoria popular o sabe muito bem, só há a *conversa fiada*.

A questão do significante se coloca, pois, como tal, e é por isso que o que o exprime não é um significante como os outros, é algo que efetivamente é tirado de uma forma prevalecente do impulso do fluxo vital nesta ordem, mas que nem por isso é menos tomado a título de significante nesta dialética, com esta passagem ao registro do significante que comporta de mortificado em tudo quanto acede a esta dimensão do significante. Aqui, a mortificação ambígua se apresenta mui precisamente sob a forma do véu, do véu que vemos se reproduzir todos os dias sob a forma da blusa da histérica, isto é, da posição fundamental da mulher em relação ao homem no que concerne ao desejo, a saber, que lá, atrás da camiseta, não devem ver, de maneira alguma, porque, evidentemente, aí não há nada, somente o significante. Justamente, o que não é nada, senão o significante do desejo.

Atrás desse véu há algo que não deve ser mostrado, e é nisso que o demônio do qual, na última ou na penúltima vez eu falava, a propósito do desvendamento do falo no mistério antigo, se apresenta e se articula, se denomina como o demônio do pudor, e o pudor tem sentidos e alcances diferentes no homem e na mulher, Aludi a isso, qualquer que seja sua origem, se for o horror que tem a forma, ou se for algo que surja naturalmente da delicada alma dos homens. Aludi a este véu que encobre mui regularmente o falo nos homens. É exatamente a mesma coisa que encobre quase inteiramente, normalmente, o ser da mulher, na medida em que o que deve estar atrás, que está velado, é o significante do falo. E o desvendamento de algo que não mostraria nada, isto é, a ausência daquilo que é desvendado. É mui precisamente a isso que se liga o que Freud chamou a propósito do sexo feminino, a a propósito da cabeça de medusa, ou o horror que responde à ausência revelada como tal.

Afinal de contas, aquilo de que se trata nesta perspectiva, isto é, este jogo do sujeito do desejo e do significante do desejo, é algo que, no ponto em que chegamos, não está esgotado, está somente anunciado, mas que como vêm, derruba completamente uma noção como por exemplo esta que escurece toda esta dialética do aporte do outro na

7 de maio de 1958

relação sexual, e pretensamente maturada pela experiência sexual, que o progresso seria de um objeto parcial e um objeto total.

Pode-se dizer propriamente falando, que há aí uma camuflagem, verdadeira escamoteação, pois, dizendo as coisas em termos próprios, seria antes do problema que coloca o fato que, ao aceder ao lugar do desejo, o outro não se torna, como dizem, o objeto total, mas este é o problema: é que ele se torna totalmente objeto, na qualidade de instrumento do desejo. É efetivamente o que ele se torna, e é preciso manter esta posição como compatível, esta posição do outro na qualidade de outro, isto é, na qualidade de lugar da palavra, aquele a quem a demanda se dirige, e aquele cuja irredutibilidade de outro se manifesta na medida em que pode dar o amor, isto é, algo tanto mais gratuito, totalmente gratuito, que não existe suporte do amor; como já disse: dar seu amor, é mui precisa e essencialmente dar como tal nada daquilo que se tem, pois é justamente na medida em que não se tem-no, que se trata do amor.

Trata-se desta discordância entre o que há de absoluto na subjetividade que dá ou não dá o amor e o fato que seu acesso a ele, como objeto de desejo, é mui precisamente necessário que ele se faça totalmente objeto. É neste afastamento essencialmente vertiginoso, essencialmente nauseativo, para chamá-lo por seu nome, que se situa a dificuldade de acesso na abordagem do desejo sexual.

Em algum lugar Freud alude da maneira mais precisa ao sintoma que no histérico se manifesta sob a forma de náusea e do nojo, aproximando-o do fenômeno de vertigem enquanto Não é Freud quem o diz, mas está no texto de Bleuler. O texto de Bleuler se refere a M. e aos trabalhos de M. sobre as sensações motoras para marcar com uma intuição que é na discordância das sensações motoras e das sensações óticas que jaz a mola essencial deste fenômeno labiríntico que se manifestaria, cuja série veríamos se desenhar: vertigem, náusea, nojo.

Efetivamente, é perfeitamente observável, e eu já o observei em mais de um, que a realização, o apelo do outro no desejo, sob a forma do significante falo, com esta espécie de curto-circuito que resulta no ponto onde a análise de tal coisa é possível, este curto-circuito que se estabelece deste significante falo com este algo que, naquele momento, no sujeito, não pode aparecer a não ser vazio, a saber, o lugar que o órgão deve ocupar normalmente, quero dizer o lugar entre as duas pernas, que naquele momento, não é evocado a não ser como lugar, é algo que se acompanha, e eu teria dez observações a fazer sobre este assunto, sob todo tipo de formas diversamente espécies de forma simbólicas, o sujeito dizendo-o apesar de tudo de maneira muito clara, que é na medida em que o outro, como objeto do desejo é percebido como falo, e que como tal, é percebido como falta no lugar de seu próprio falo, que sente algo que se parece com uma vertigem muito estranha, que alguém até aproximou de uma espécie de vertigem metafísica experimentada em outras circunstâncias, as mais raras encontradas no sujeitos a propósito da ação do próprio ser, na medida em que está subjacente a tudo quanto ele é.

É com isso que terminarei hoje. Voltaremos, pois, sobre dialética do ser e do ter do histérico. Iremos mais longe. Verão até onde isto nos leva no obsessivo.

Digo que devem sentir que tudo isto não está sem relação com uma dialética outra, imaginária, da qual só a teoria lhes foi apresentada, mas que ingurgitam de maneira mais ou menos forçada nos pacientes numa certa técnica concernente à neurose obsessiva, e na medida em que o falo, o falo, como elemento imaginário, desempenha nisso um papel

prevalente. Veremos o que pode trazer como retificações, tanto teóricas quanto técnicas à consideração do falo, não mais como imagem e como fantasma, mas sim como significante.